

**Fundo Lloyds  
de Curto Prazo.**  
A opção do momento.



**Fundo Lloyds  
de Curto Prazo.**  
A opção do momento.



## Economia

*Brasil*

O governo está encontrando dificuldades em suas contas e já não consegue projetar nem seu déficit nem a inflação. Por isso, pela falta de credibilidade e acúmulo de greves, a equipe econômica já começa a mostrar sinais de desânimo com o futuro do Plano Verão. Na outra ponta, o consumidor desconfiado vai as compras, embora enfrente o desabastecimento em algumas linhas de produtos.

# Governo não consegue calcular seu déficit

O governo tem uma grande dificuldade para fazer estimativas de inflação e déficit público: não consegue fechar suas próprias contas. O maior exemplo, no momento, é a disparidade entre as previsões para o déficit da Previdência Social.

O Ministério da Fazenda prevê, na melhor das hipóteses, um déficit equivalente a 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB), mas o Iap, que administra as finanças da Previdência, só admite chegar a 0,8% — pouco mais da metade da previsão da Fazenda. A dificuldade, nesse caso, é estimar a conta exata dos benefícios corrigidos pela nova Constituição.

A correção está começando a ser paga em maio e a Previdência estima que sua folha subirá de NCz\$ 700 milhões para NCz\$ 1,1 bilhão. Mas os técnicos admitem que só depois de realizados os pagamentos de maio será possível fazer uma estimativa mais precisa dos gastos totais no ano.

Eles receberam a Previdência sem um cadastro nem um sistema de controle confiáveis, explicam. Enquanto isso, tentam discutir com seus colegas da Fazenda os critérios para o cálculo do déficit, de forma a aproximar as estimativas.

Alguns auxiliares do ministro da Fazenda se preocupam também com o desempenho das empresas estatais, contrariando colegas que não veem maiores riscos para o déficit público, nessa área. As estatais, explicam estes últimos, estão "amarradas" pela Resolução nº 1.469, que congelou o endividamento delas, e pelos limites máximos de rolagem das suas dívidas externas avalizadas pela União.

Esses assessores acham que não há como o déficit das estatais ultrapassar 0,4% do PIB, ressaltando apenas a possibilidade de problemas na Petrobrás, que alega prejuízos em consequência do congelamento de preços.

Já o governo central deverá ter um déficit em torno de 2,5% do PIB, decorrente dos custos da dívida pública — cerca de 3,2% do PIB em 89, segundo estimativas da Fazenda — e abatidos os retornos das operações de crédito que estão no orçamento, de 0,7% do PIB.



Mailson: números imprevisíveis e desânimo.



Ribeirão Preto: filas nas usinas para esperar o álcool.